

## ANÁLISE DA PERSONAGEM O GRANDE IRMÃO DE GEORGE ORWELL À LUZ DE ADORNO E HORKHEIMER<sup>1</sup>

FELIPE BOCATO SILVA<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise literária da personagem o Grande Irmão da obra *1984*, de George Orwell, considerada uma das maiores obras do modernismo inglês, que denuncia o totalitarismo e a violência derivada deste. Para esta análise, utilizamos como base teórica Adorno e Horkheimer e a teoria da Indústria Cultural, mostrando que os instrumentos de convencimento e persuasão da obra se dão por meio das propagandas utilizadas pelo partido, bem como a existência do Grande Irmão também se dá através deste artefato.

**Palavras-chave:** Análise literária; Grande Irmão; Adorno e Horkheimer; Indústria Cultural.

### INTRODUÇÃO

Entre grandes e importantes obras da literatura ocidental, *1984*, de George Orwell, se destaca como indispensável leitura e instrumento de análise, trazendo em seu bojo questões extremamente relevantes e atemporais. Considerada uma distopia, a obra tem como tema uma sociedade dominada por um partido político totalitário com valores invertidos, na qual imperam a vigilância e a alteração da realidade.

Mesmo tendo sido escrito em 1948 – aqui há um espelhamento com o nome da obra – os modos de controle, tortura e alienação da sociedade revelam-se ainda presentes no cotidiano atual, mesmo que ainda de forma velada, tornando a obra grande por fazer uma espécie de previsão do que a sociedade se tornaria. No mundo imaginado por Orwell, um dos instrumentos de manipulação dos indivíduos é a *teletela*, espécie de televisão que apresenta imagens e discursos de uma personagem central, o Grande Irmão, líder totalitário que deve ser idolatrado e respeitado por todos sem qualquer objeção, o que, se não cumprido, seria considerado crime gravíssimo, levando o infrator à morte. Apesar de ter papel fundamental no enredo da obra, O Grande Irmão é uma personagem que nada se sabe a seu respeito, nem

---

<sup>1</sup> Artigo científico derivado de monografia apresentada à disciplina de Literatura Ocidental VIII (IFSP/SPO), sob orientação da Prof<sup>ª</sup> Dra. Kelly Mendes Lima.

<sup>2</sup> Graduando em Licenciatura em Letras pelo IFSP-SP. E-mail: fsbocato@gmail.com

nome, nem onde mora. Sabe-se que o programa de televisão e entretenimento Big Brother Brasil teve sua inspiração na obra de Orwell, havendo uma teletela que seleciona aquilo que será levado aos participantes; total perda da privacidade; e aqueles que não atendem o que é desejado são eliminados. Fora do entretenimento, somos todos vigiados por inúmeros mecanismos governamentais, tais como o imposto de renda, transações bancárias, internet e seus caches de memória que selecionam aquilo que nos será oferecido em propagandas online. Vivemos, portanto, até certo ponto, em algum nível que havia sido previsto ou imaginado por Orwell.

Dada a sua importância para a construção do enredo, este trabalho tem o objetivo de analisar a construção da personagem o Grande Irmão e entender os mecanismos de controle que levam a personagem a ter tão grande influência na obra e, portanto, passar a existir na ficção. A quem representa o Grande Irmão? Como se dá sua forma de manipulação? Quais conexões podem ser feitas com a realidade atual?

A fim de analisarmos a construção da personagem em questão, outras personagens podem ser utilizadas neste trabalho para suporte de ideias e contextualizações, já que a existência do Grande Irmão depende de outras personagens criadas por Orwell. Como aporte teórico para os levantamentos realizados, utilizaremos – entre outros – Horkheimer e Theodore Adorno, autores membros da Escola de Frankfurt, influentes por suas teorias da indústria cultural e como a mídia influencia ou deturpa a nossa realidade.

## **1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA OBRA DE ORWELL**

A fim de entendermos a construção da personagem o Grande Irmão e sabermos quais elementos na obra *1984* são significativos, uma breve contextualização da história do totalitarismo se faz necessária; portanto, tratemos brevemente sobre o autor e alguns aspectos de vida levados para dentro do livro.

George Orwell, pseudônimo de Eric Blair, foi um escritor e jornalista inglês que dedicou a maior parte de suas produções a temas sociais e políticos. Suas obras são molhadas de experiências que o próprio autor vivenciou ou testemunhou, como perseguição, difamação, terror, guerra e tortura. Tendo sido combatente da Guerra Civil Espanhola, o autor utilizou de sua experiência de campo para tecer críticas ao governo totalitário de sua época. Em um contexto de guerra e prestígio da URSS, Orwell produziu dois grandes clássicos da literatura: *A Revolução dos Bichos* e *1984*.

De acordo com o terceiro texto do pós-fácio de *1984*, escrito por Thomas Pynchon (2003), Orwell parece ter ficado incomodado com a fidelidade generalizada da esquerda ao Stalinismo, pois as evidências de natureza maldosa do regime eram esmagadoras. Em ambas as obras, *A Revolução dos Bichos* e *1984*, o autor buscou denunciar uma face da esquerda que foi contaminada pelo Stalinismo, e por isso ambas as obras trazem relatos de crimes e descrevem estruturas dos regimes totalitários. *1984* é a representação e uma reflexão sobre a ditadura stalinista e é também uma descrição, do ponto de vista do autor, caso aquilo que era sonhado pelos líderes totalitários vingasse de fato.

Nota-se que em *1984* há uma forte manipulação e controle absoluto de todas as informações e aspectos de vida, como comida, bebidas, cultura, roupas e até mesmo a língua. As personagens da obra perdem sua individualidade e são obrigadas a servirem um estado ditador. Segundo Pynchon (2003), no mundo de Orwell as massas só existem para serem manobradas e, ainda segundo o filósofo, Orwell identificava o mesmo movimento no mundo real em que vivia e escreveu em seus primeiros esboços de *1984* que quase toda a esquerda inglesa havia sido levada a aceitar o regime russo como socialista, mesmo percebendo e reconhecendo silenciosamente que as práticas do regime vigente eram dissonantes ao significado de *socialismo*.

Este traço de manipulação atravessa *1984* por meio de algumas personagens principais, *Winston* e *Júlia*, que, nas palavras de Pynchon (2003), demonstram uma espécie de pensamento esquizofrênico – *duplipensamento*, em *1984* - no qual uma palavra tem seu significado deturpado e, mesmo suspeitando de tal deturpação, os assujeitados a tal sistema não reagem, fazendo com que coisas que são consideradas erradas e imorais passem a ser aceitas ou certas.

Neste mesmo sentido, em *1984*, chamam a atenção os slogans do partido político vigente da obra: “Guerra é paz”, “Liberdade é escravidão” e “Ignorância é força”. Segundo Arendt (2012), os poderes totalitários usam o terror até certo ponto, a maior parte do tempo investem em propagandas e em reescrita da história, a fim de manter o *status quo*. Quando alcançam o domínio total de uma nação, as propagandas passam a praticar a doutrinação a fim de tornar realidade as ideologias e mentiras utilitárias.

Segundo Pynchon (2003), não se deve confiar em relatos romancistas para remontar a história, porém, o autor relata que Orwell aponta em sua obra outra similaridade do mundo real com a ficção de *1984*. De acordo com o autor, a Conferência de Teerã, posteriormente realizada também em Yalta, no fim de 1945, foi um encontro histórico da cúpula dos aliados

na Segunda Guerra Mundial, contando com a presença de Roosevelt, Churchill e Stálin. Neste momento, a Alemanha nazista estava “de joelhos” com as tropas soviéticas que fechavam o cerco a Berlim. No Pacífico, as tropas americanas avançavam continuamente contra o Japão e, apesar de ver o líder soviético como uma perigosa ameaça, Churchill entendia que os objetivos de Stálin eram promover a paz no pós-guerra. Portanto, reuniram-se os três para pensar em um plano de controle divisão da Alemanha, a fim de impedir que uma nova devastação semelhante à ocorrida voltasse a acontecer. Deste modo, decidem que a Alemanha deveria ser dividida em três grandes blocos, produzindo mão de obra, maquinário e dinheiro, para promover a recuperação de seus países destruídos pela Guerra. Nota-se aqui a alusão à realidade da época trazida por Orwell para *1984*. Na obra, Orwell vai mais além e imagina o mundo, e não somente a Alemanha, sendo dividido em três grandes blocos: Oceânia, Eurásia e Lestásia.

As similaridades da vida real e a obra *1984* são inúmeras e impressionam os leitores e críticos. Orwell demonstra na obra repulsa contra o seu maior inimigo, o totalitarismo de Stálin, na personificação do Grande Irmão, um ditador carismático, controlador dos comportamentos e detentor da subordinação dos indivíduos, até mesmo o seu bigode é similar ao de Stálin - “o Grande Irmão exhibe todos os elementos do fascismo” (PYNCHON, 2003, p.405) - e o romance, portanto, é subversivo, “um protesto contra as artimanhas dos governos. É uma saraivada contra o autoritarismo sobre toda a individualidade, uma polêmica contra toda ortodoxia, uma rajada anarquista contra todo conformista” (PIMLOTT, 1989, p.394).

## **2. ANÁLISE DA PERSONAGEM O GRANDE IRMÃO**

Personagem central na obra, o Grande Irmão é a base da existência de todos os meios de controles de Oceânia. Sabe-se que a trama da obra tem como personagem principal Winston, entretanto, todos os aspectos que ambientam, contextualizam e dão corpo à narrativa estão relacionados à figura do Grande Irmão, deste modo, é impossível falar de *1984* e não destacar a importância da personagem.

A personagem Grande Irmão é bastante intrigante, pois ao leitor fica sempre a dúvida de sua existência física na trama. Existe mesmo ou é invenção? Este questionamento é bastante contundente, uma vez que os elementos escolhidos pelo narrador não deixam clara a sua existência, e como afirma Brait (1985) o narrador é quem escolhe o ângulo para apresentar as personagens e, deste modo, a estratégia da narrativa é criar a dúvida no leitor assim como ela existe para as personagens inseridas na obra. Como pode uma personagem

que nem sequer sabemos se existe de fato ter extrema importância em uma obra? Esta resposta é bastante complexa e pode ser abordada por alguns vieses; entretanto, para nós, nesta análise, partiremos do pressuposto mencionado por Brait (1985) que diante do leitor há apenas um papel com tinta e, assim sendo, todas as personagens são finalizadas com o término da leitura. Assim acontece com o Grande Irmão, existe sem existir – é sem ser e é personagem simplesmente por aparecer e ganhar corpo, aparência e voz mesmo que no imaginário das personagens e do leitor também.

As aparições do Grande Irmão na história são estratégicas – aparece sempre em posições de observação, vindas do alto olhando para baixo e espalhado por todos os lados de destaque. Sabemos que a estrutura que foi criada pelo partido Socing é péssima para a população e entre a primeira aparição da personagem temos uma descrição do local: “O vestíbulo cheirava a repolho cozido e a velhos capachos de pano trançado (...) Não adiantava tentar o elevador (...) era raro que funcionasse, e agora a eletricidade permanecia cortada enquanto houvesse luz natural” (ORWELL, 2009, p.11). Além desta descrição há outros momentos que mostram que a situação em que viviam era péssima: “o mundo parecia frio (...) a impressão que se tinha é que não havia cor em coisa alguma a não ser nos pôsteres colados por toda parte” (ORWELL, 2009, p.12). E, então, temos a primeira imagem da personagem o Grande Irmão:

Numa das extremidades, um pôster colorido, grande demais para ambientes fechados, estava pregado na parede. Mostrava simplesmente um rosto enorme, com mais de um metro de largura: o rosto de um homem de uns quarenta e cinco anos, de bigodão preto e feições rudemente agradáveis (ORWELL, 2009, p.11)

A seguir, conhecemos quem é o Grande Irmão:

Em todos os patamares, diante da porta do elevador, o pôster com o rosto enorme fitava-o da parede. Era uma dessas pinturas realizadas de modo a que os olhos acompanhem sempre que você se move. O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ, dizia o letreiro, embaixo. (ORWELL, 2009, p.12)

Alguns elementos nos chamam a atenção nesta descrição. Sabemos que a imagem da personagem distribuída por todos lugares, ou seja, é impossível fugir desta figura. Sabemos que não é uma fotografia de alguém real, é um *pintura*, feita estrategicamente para que os olhos pintados criem a sensação de observação e perseguição. Reforçando tal ideia, temos o slogan “O GRANDE IRMÃO ESTÁ DE OLHO EM VOCÊ”, não restando dúvida que a ideia dos pôsteres é ser um mecanismo de controle.

Além deste efeito de controle que é criado pela exibição da figura do Grande Irmão, temos ainda outros instrumentos, como a teletela.

No interior do apartamento, uma voz agradável lia alto uma relação de cifras que de alguma forma dizia respeito à produção de ferro-gusa. A voz saía de uma placa oblonga de metal semelhante a um espelho fosco, integrada à superfície da parede da direita. (...) O volume do instrumento (chamava-se teletela) podia ser regulado, mas não havia como desligá-lo completamente (ORWELL, 2009, p.12)

Entre muitos instrumentos de controle utilizados pelo partido político vigente da obra, a *teletela* merece atenção especial, pois ela é o *corpo* do Grande Irmão. É através da teletela que o Grande Irmão controlava tudo o que os cidadãos faziam e também os alimentava de conteúdo selecionado estrategicamente a fim de manter o *status quo*. Entendemos que a *teletela* é instrumento cultural, pois informa e diverte os telespectadores, reproduzindo e propagando os ideais determinados pelo partido, limitando seus acessos, moldando o raciocínio e mantendo-os parte desta engrenagem do sistema. Para Adorno e Horkheimer (1985), a indústria cultural é a representação do Estado e “proíbem a atividade intelectual do espectador, se ele não quiser perder os factos que desfilam velozmente diante de seus olhos.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 104).

Para Pynchon (2003), os valores propagados pela sociedade em 1984 são ambivalentes, o que é chamado de *duplipensamento* na obra. O duplipensamento funciona como um inversor de valores – instrumento utilizado pelo partido Socing para convencimento e manipulação. Em determinado trecho do livro, em uma conversa com *O’Brian* - membro do partido e suposto amigo de Winston – Winston, que era um opositor, o questiona: “O Grande Irmão existe?” (ORWELL, 2003, p. 303), referindo-se à existência física da figura. A resposta de O’Brian: “Claro que existe. O partido existe. O Grande Irmão é a personificação do Partido” (ORWELL, 2003, p. 303) e questiona ainda Winston “Mas existe da mesma maneira que eu existo?” referindo-se ao corpo físico. E então, ao utilizando o duplipensamento, O’Brian lhe devolve “Você não existe”.

Vejamos outro slogan que é frequentemente marcado ao longo da obra: “guerra é paz – liberdade é escravidão – ignorância é força” (ORWELL, 2009, p.38). Ainda para Pynchon (2003), o Ministério do Amor tortura e mata aqueles que considera uma ameaça, o Ministério da Paz mata e promove a guerra, o Ministério da Verdade conta mentiras.

A forma de influência acontece não só por meio da exposição ao conteúdo criado pelo partido, mas também por inúmeras outras frente, como a *polícia do pensamento*, escolas ou

qualquer cidadão que povoa a narrativa. A distopia de Orwell nos mostra que o convencimento pela tortura e controle de informação pode atingir proporções catastróficas. Neste sentido, Adorno afirma que “Numa sociedade que sabiamente impõe limites à superabundância que a ameaça, tudo o que é recomendado a todos por outras pessoas merece desconfiança” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 119). Em *1984*, vemos que o partido busca forçar sua imagem, como um efeito de hipnose, em qualquer instância e em qualquer veículo de comunicação:

Tirou do bolso uma moeda de vinte e cinco centavos. Ali também, em letras minúsculas e precisas, estavam inscritos os mesmos slogans, e do outro lado da moeda via-se a cabeça do Grande Irmão. Até na moeda os olhos perseguiram a pessoa. Nas moedas, nos selos, nas capas de livros, em bandeiras, em cartazes e nas embalagens dos maços de cigarro – em toda parte. Sempre aqueles olhos observando a pessoa e a voz a envolvê-la. Dormindo ou acordada, trabalhando ou comendo, dentro ou fora de casa, no banho ou na cama – não havia saída. Com exceção dos poucos centímetros que cada um possuía dentro do crânio, ninguém tinha nada seu (ORWELL, 2009, p.38-39)

Dentro da própria obra há uma reflexão feita por Winston sobre os meios de controle. A manipulação do partido se dá até mesmo nos fatos da História e o papel de Winston é reescrevê-la em seu trabalho para o partido – uma espécie de editor do passado, presente e futuro. Se o modo como a história foi registrada for contra os ideais do partido, apaga-se o escrito e escreve-se uma nova história. Deste modo, a imagem do Grande Irmão mantém-se soberana e em constante manutenção – uma vez que todos os acontecimentos são remodelados em favor desta personagem; “Se o partido era capaz de meter a mão no passado e afirmar que esta ou aquela ocorrência jamais acontecera – sem dúvida isso era mais aterrorizante do que a mera tortura ou a morte.” (ORWELL, 2009, p.47). Deste modo, vemos que o controle da realidade é total causando até mesmo dúvida se a realidade de fato existiu:

E se todos aceitassem a mentira imposta pelo Partido – se todos os registros contassem a mesma história -, a mentira tornava-se história e virava verdade “Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado”. (ORWELL, 2009, p.47)

Afinal, o que todos estes instrumentos de controle têm a ver com a personagem Grande Irmão? Como discutimos nos parágrafos introdutórios deste item, a personagem Grande Irmão só existe pois os acontecimentos ao seu redor lhe sustentam, dão corpo, personalidade e através de sua imagem e ideologia propagada acontece o controle das massas. Ou seja, os acontecimentos da obra demonstram a força da manipulação do Grande Irmão e,

pois, é através desta imagem que os cidadãos e membros do partido político “compram” a ideia de realidade em que vivem e, sendo assim, o Grande Irmão não só existe na obra como é a figura que está no topo da hierarquia política estabelecida nela. O Grande Irmão é o próprio partido e seus desejos em ação:

No topo da pirâmide está o Grande Irmão. O Grande Irmão é infalível e todopoderoso. Todos os sucessos, todas as realizações, todas as vitórias, todas as experiências científicas (...) seriam um produto direto de sua liderança e inspiração. Ninguém jamais viu o Grande Irmão. (...) Podemos alimentar razoável certeza de que jamais morrerá (ORWELL, 2009, p.245)

### **3. O GRANDE IRMÃO PELA ÓTICA DE HORKHEIMER E ADORNO**

O jogo das propagandas e influências que sofrem as personagens de *1984* funciona como um açoite contra a inteligência e contra a manifestação do ser, chegando ao ponto de serem definitivamente afugentadas, perdendo o rumo e, nas palavras de Adorno, “tornando-se burras” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 120). Entende-se, portanto, que o partido político da obra utiliza de instrumentos de comunicação e coerção dos indivíduos para deixá-los cada vez mais assujeitados aos domínios do Grande Irmão e, além disso, imbecilizados, pois, deste modo, tornam-se menos reagentes às intervenções e cada vez mais esvaziados de consciência e poder.

Por outro lado, o Estado, por meio das manipulações feitas pelos veículos de mídia, como pôsteres, rádio, televisões, jornais, controla toda e qualquer tipo de informação propagada ao público. Em *1984*, podemos inferir que o Partido entende a força do povo se lhes fosse permitido acesso à informação, isto é, o Partido entende que necessita controlar por todos os lados a informação que é veiculada, para manter o controle do pensamento dentro dos conformes do partido. Sem este controle, a população passa a perceber contrastes entre Partido e a realidade em que vivem e podem se mobilizar, levando à destruição do poder. Qualquer pensamento, ato ou menor demonstração de desconfiança em relação ao Partido pode levar à perseguição e à morte – encurralando os sujeitos.

Ainda segundo Adorno (1947), a “burrice” dos seres emana de um lugar em que as forças foram inibidas. Os membros do partido e cidadãos que acreditam na figura do Grande Irmão como ser supremo e infalível demonstram uma característica “burra” – ou emburrecidos – pois o conhecimento lhes fora retirado e sobra-lhes a informação que fora inventada. A crença em tal informação – a bondade do Grande Irmão, do Partido, das ideologias que circulam – afirma que os sujeitos que compram os ideais do Partido foram



interpelados, esvaziados e tornaram-se não-sujeitos, ausentes de si e sem raciocínio crítico perante os acontecimentos, logo, “burro” nas definições de Adorno. Para Adorno (1947), as pessoas denominadas “burras” são cicatrizadas de eventos anteriores em que suas percepções foram brutalmente inibidas e tornaram-se insensíveis, impotentes, cegas e estagnadas. “A violência sofrida transforma a boa vontade em má” – deste modo, é possível entender que *1984* é também um alerta contra as propagandas e ídolos das sociedades que buscam de modo brutal nos cegar e insensibilizar em relação às atrocidades que sofremos, a fim de idolatramos nossos “salvadores”. O Grande Irmão é esta figura.

O grande irmão é o disfarce escolhido pelo partido para mostrar-se ao mundo. Sua função é atuar como um ponto focal de amor, medo e reverência, emoções mais facilmente sentidas por um indivíduo do que por uma organização (ORWELL, 2009, p.245)

“Propaganda para mudar o mundo, que bobagem! (...) a propaganda fixa o modo de ser dos homens.” (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 119). A base de dominação em *1984* é a dominação pela alienação que se dá através de insistente propaganda, alteração de dados históricos, perda da liberdade de expressão em todas as instâncias e a maior estratégia do partido para manter-se no poder é exterminar aqueles que demonstrarem qualquer objeção ao partido. Vemos que a beleza e a grandeza que o partido tenta construir usando a figura “carismática” do ditador, o Grande Irmão, não passam de “cortina de fumaça” para manter a massa sob o seu domínio. Para Adorno:

A propaganda manipula os homens; onde ela grita liberdade, ela se contradiz a si mesma. A falsidade é inseparável dela. É na comunidade da mentira que os líderes (Führer) e seus liderados se reúnem graças à propaganda, mesmo quando os conteúdos enquanto tais são correctos (...) a propaganda é inimiga dos homens (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 119).

De acordo com Fianco (2010) – e utilizando de sua teoria para traçar um paralelo entre a estrutura política de *1984* e o regime totalitário de Adolf Hitler - Adorno descreve que o nazismo se valeu das estruturas publicitárias, de uma estética que lhe era própria e de meios de comunicação em massa para criar na sociedade alemã a histeria coletiva do estado totalitário, ou seja, a dominação através da ignorância e de uma falsa aura de estabilidade e felicidade social. Fianco (2010) menciona ainda que é através de um mecanismo psicológico que prefere uma mentira bem arquitetada a uma verdade contundente, que a indústria cultural

forma as verdades convenientes através dos meios de comunicação em massa e propaga a ideologia e o conjunto de valores que mais lhe interessa:

A verdade, então transformada em um exercício de poder, serve com sua inverdade à dominação social mediante a propagação da ideologia, que é tão opressiva quanto os antigos sistemas despóticos e transforma em trabalho de Sísifo qualquer tentativa de uma verdade que se oponha a isso, pois ela porta consigo tanto o ‘caráter do inverossímil como é, além disso, pobre demais para entrar em concorrência com o aparato de divulgação altamente concentrado’. (FIANCO 2010, p. 07 *apud* ADORNO, 1992, p. 94.)

O Grande Irmão utiliza de todos estes meios de comunicação mencionados acima e destacados nos estudos de Adorno e Horkheimer como sendo movimentos específicos das estruturas totalitárias para criarem o caos, assujeitamento e uma nova ordem. O Grande Irmão conhece o *modus operandi* e sabe utilizar de todos os recursos possíveis para manter-se no poder. O Grande Irmão é a propaganda, o início, o meio, o fim e a finalidade. Sem a propaganda, quem é o Grande Irmão? Se a livre informação oferece poder para quem a recebe, ela é o próprio poder para quem a controla no estado totalitário. Deste modo, nos parâmetros de Adorno e Horkheimer, o Grande Irmão é a mídia e sua força, e o seu único propósito de existir é exercer o controle.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*1984* é uma grande crítica ao modelo stalinista de governo ao qual Orwell era oposto e marca aqui os motivos de seu descontentamento e, mais importante que isso, em sua distopia nos mostra os meios de controle que os governos totalitários utilizam para manter-se no poder. O Grande Irmão é parte de todos os partidos políticos que limitam acesso, divulgam inverdades e utilizam da estrutura estatal para elevarem seu domínio e poder.

Adorno e Horkheimer (1947) destacam que a repressão da liberdade é o que ocasiona o aprisionamento do ser e a indução da população a este comportamento se dá pelo carisma tosco e cínico elaborado orquestralmente de mãos dadas com a propaganda, fazendo com que aquilo que foi reprimido torne-se arma para o Estado:

O Führer, com sua cara de canastrão e o carisma da histeria orquestrada, puxa a roda. Sua representação realiza substitutivamente e em imagem o que é vedado a todos os demais na realidade. Hitler pode gesticular como um palhaço; Mussolini pode arriscar notas erradas como um tenor de província; Goebbels pode falar com a fluência do representante comercial judeu que ele exorta a assassinar; Coughlin pode pregar com a fé do Salvador, cuja crucifixão ele descreve a fim de que se volte sempre a derramar o sangue. O fascismo também é totalitário na medida em que se esforça por colocar

directamente a serviço da dominação a própria rebelião da natureza reprimida contra essa dominação (ADORNO; HORKHEIMER, 1947, p. 87).

Este é o fator que mais impressiona na obra – como pode a população permitir e assujeitar-se aos domínios de um partido político que ceifa sua existência e reprime a liberdade? Além disso, como podem haver aliados de um sistema tão repressor e maléfico? Basta haver a figura carismática de um líder – e como vimos, quanto mais absurdas forem suas ideias, mais “emburrecidas” tornam-se as pessoas que consomem suas propagandas e mais suscetíveis passam a estar. É isto o que Adorno e Horkheimer (1947) buscam explicar.

Entendemos, portanto, que tudo aquilo que é tirado do povo se transforma em arma para o estabelecimento do partido vigente e passa a estar a serviço da dominação. Quantos *Grandes Irmãos* estão em nossa sociedade? *1984* é um grito de alerta para tal questão. A importância de lutarmos pelos nossos direitos, consciência perante as propagandas e combate ao totalitarismo. Devemos lembrar sempre que o “Grande Irmão” está de olho em nós.

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1947.
- ARENDT, H. Parte III - Totalitarismo. In: **As origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BRAIT, B. **A personagem**. Série Princípios. Editora Ática,. 1985.
- FIANCO, F. **Adorno**: Ideologia, cultura de massa e crise da subjetividade. Revista Estudos Filosóficos nº 4. DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG, 2010. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>. Acesso em: 12/06/21.
- HOBBSAWM, E. Parte I - A Era da Catástrofe. In: **Era dos extremos**. O breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PIMLOTT, B. In: **1984 – posfácio 2**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- PYNCHON, T. In: **1984 – posfácio 3**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

## **AN ANALYSIS OF THE CHARACTER BIG BROTHER BY GEORGE ORWELL IN LIGHT OF ADORNO AND HORKHEIMER**

### **ABSTRACT**

The purpose of this paper is to present an analysis of *Big Brother*, a character from *1984*, by George Orwell, which is considered to be one of the most important literature works of English Modernism, denouncing a totalitarian government and the violence that stems from it. For the analysis, we resort this paper to Adorno and Horkheimer's Cultural Industry theory, to highlight that the persuasion instruments and the governmental manipulation take place through propaganda promoted by the fictional political party of the novel - *The Socing* -, as well as the existence of Big Brother himself, who happens to be a projection of it.

**Keywords:** Literature; Analysis; Big Brother; Adorno and Horkheimer; Cultural Industry.

ENVIADO EM: agosto/2021